

Big Bang Nuclear - O Último Marco

Rivaldo Targino da Costa

Dentre as forças que moldam e dirigem a sociedade atual, as mais significativas, indubitavelmente, são exercidas pelo desenvolvimento científico e pelas inovações tecnológicas. Estas condicionam o novo modo de pensar, viver e agir, determinando até mesmo o destino da Humanidade.

O *Homo technologicus* almeja dominar cada vez mais os segredos da Natureza, isto de forma indiscriminada. Cruza o espaço cósmico, sonda a infinitude da estrutura atômica e busca sintetizar a própria vida, fabricando-a em tubos de ensaios. A *high technology* invadiu nossos lares, modificou nossos hábitos e, inegavelmente, tornou a vida mais confortável. O que seria do homem moderno se não fossem os sofisticados computadores, que operam em diversas áreas do conhecimento humano, que vão desde simples cálculos matemáticos às acuradas previsões meteorológicas?

A ciência e a tecnologia se fundiram num vasto campo de técnicas complexas e ideias avançadas, que constituem *conditio sine qua non* para que os cientistas trabalhem os fenômenos naturais. No entanto, a maioria das pesquisas científicas que se realizam algures não visa a curar o câncer, aliviar dores ou erradicar a fome, o pior de todos os males. As potências mundiais, imbuídas do espírito de guerra fria, destinam verbas faraônicas às pesquisas bélicas, aumentando assim o arsenal de armas mortíferas e messageiras precisas da destruição, enquanto crianças padecem diuturnamente de desnutrição crônica nos países subdesenvolvidos, o descalabro social prolifera-se e a corrupção reina por toda a parte.

Os homens de ciência - talvez iludidos e fascinados pela retórica bestial e sonhos imperialistas dos políticos - esqueceram-se de que o objetivo primordial da ciência é a busca incessante da verdade em prol do progresso social e desenvolvimento intelectual do homem. A ciência foi mutilada e atrofiada paulatinamente à medida que se compromete com o capitalismo selvagem, estranho à sua essência.

Se os políticos, detentores do poder, deixarem a ciência exercer livremente sua verdadeira função, encontrarão, com certeza, soluções definitivas para todos os problemas sociais. Se as armas nucleares fossem dizimadas, a astronômica quantia de dólares e recursos humanos usadas na manutenção das mesmas será de suma relevância, por exemplo, para desenvolver a agricultura e, com isso, saciar os famintos de todo o mundo.

Devido ao irracionalismo imperialista imposto à ciência pelos países ricos, a pior de todas as loucuras a que jamais se aventurou não é só privilégio de uns poucos escritores imaginosos de ficção. O holocausto nuclear é uma triste realidade, que pode eclodir em qualquer região beligerante, por exemplo, no Golfo Pérsico, onde Saddam Hussein e o aiatolá Khomeini “religiosamente” travam uma sangrenta batalha, sob os auspícios do deus Alá.

As máquinas voadoras podem, a qualquer momento, perfurar as nuvens, não para fazer chover, mas para espalhar tempestade e o pânico generalizado. Os átomos podem explodir, não para gerar energia farta e barata, mas para carbonizar todos os núcleos populacionais e pulverizar o acervo cultural da Humanidade. A vida pode ser sintetizada, não para amenizar sofrimentos, mas para disseminar epidemias. Será que enlouquecemos? Claro que ainda não. Somos lúcidos, só que fingimos ser cegos. Se continuarmos agindo assim, seremos fósseis e pobres criaturas esquecidas pelo tempo.

Para que haja paz mundial, é necessário que façamos uma conscientização geral, principalmente dos líderes políticos dos países industrializados, de sorte que todos fiquem conhecedores das drásticas consequências de uma catástrofe nuclear e da impossibilidade de deflagrar-se uma guerra localizada sem que haja o risco de envolvimento de todos os países num terceiro conflito mundial, como cogita a lógica militarista. Deve ficar claro que a hecatombe atômica será a extinção da raça humana e de todos os seres deste planeta. É imprescindível a participação efetiva dos verdadeiros cientistas na organização de campanhas e movimentos pacifistas, no estudo e divulgação de pesquisas. É indispensável a cooperação maciça de todos os cidadãos.

Não podemos ficar indiferentes a tantas atrocidades. Não devemos continuar amordaçados à mercê de estúpidos políticos, que com unhas e dentes praticam toda espécie de jogo sujo para proteger suas ideologias radicalistas. O fanatismo cego e egoísta não leva a lugar nenhum, apenas causa danos irreparáveis àqueles que o veneram. Os fanáticos, sem capacidade de distinguir o bem do mal, perdem o poder de crítica e ignoram os princípios que vitalizam o corpo e engrandecem a alma, mergulhando no mais puro irracionalismo intuitivista. Estes renegados chegam até a condenar veementemente as iniciativas construtivas calcadas no espírito de liberdade e unidas pela solidariedade universal, sem nacionalismos infantis, sem discriminação racial e preconceito de qualquer natureza. O mundo não pode viver sob tensão de dicotomias infrutíferas e perigosas que colocam em risco iminente mais de quatro bilhões de vidas humanas. Os mísseis Cruise, Pershing II, SS-20 e congêneres devem ser desativados em regime de urgência. As 40 mil bombas atômicas sob controle dos países industrializados não podem continuar ameaçando a paz mundial. Os riscos de uma guerra nuclear persistirão enquanto houver armas nucleares. Será que mais de 105 mil

‘

peessoas mortas e cerca de 125 mil feridas em Hiroxima e Nagasaki não são suficientes como prova irrefutável do bárbaro crime que essas armas podem cometer contra toda a Humanidade?

Se não queremos ter pesadelos devemos nos portar como genuínos seres humanos. O *Homo sapiens* é um ser social e dotado de razão – como tal deve agir, sob pena de ser comparado ao mais brutal dos animais, aquele que aniquila sua própria espécie. Não deve ser cético, ao ponto de negar sua natureza frágil e mortal. Não deve ser pessimista, perdendo todas as esperanças. Não deve ser demasiadamente otimista, arriscando-se a mistificar a realidade, em detrimento de si e da compreensão do mundo que o cerca. Tem que ser real e atuante dentro dos limites de sua condição de ser humano, salvaguardando o direito de desejar e exigir um padrão de civilização compatível com todos.

Sem pretender alcançar o utópico país de Thomas Morus, preconiza-se o ideal de que todo homem deveria nutrir-se para dignificar-se diante de si e do próximo e, com forças tipicamente humanísticas, livrar-se de todo o mal que possa enegrecer a vida. Um mundo sem mísseis e guerras pode parecer um exagero filosófico no momento histórico em que vivemos, mas se unirmos todas as forças na tentativa de mudar o sistema político internacional de exploração e terror, podemos ter ainda uma esperança. Pode haver uma luz no fim do túnel, mas senão determos a corrida armamentista, haverá apenas a fumaça negra do cogumelo devastador das potentes bombas atômicas modernas e, neste caso, o *big bang* das reações nucleares marcará o último evento do homem na História Universal.

Urge que se ajam racionalmente, pois só assim, o sol brilhará para todos e sempre existirá um novo amanhecer. Que sejamos guiados pelas descobertas científicas e inovações tecnológicas, mas deixemo-las a serviço do bem sociocultural da Humanidade.